



A velhice por velhos baianos à luz do conceito junguiano de *Senex/puer*: pessoa e planos de futuro¹

Mauricio Parada Paim Filho²

Elaine Pedreira Rabinovich³

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a narrativa de idosos quanto à compreensão desta etapa à luz dos conceitos de *Senex* e *Puer*, conforme desenvolvidos pelo pensamento junguiano. *Senex* e *Puer* são dois polos de um mesmo arquétipo. *Senex* expressa a continuidade temporal, a tendência à repetição e à formação de hábitos, constituindo o princípio vital de ordem. Entretanto, o *Puer* reflete um processo contínuo de mudança, que vai ao encontro de um eterno vir-a-ser, o eterno recomeçar, responsável pela inspiração, novidade e criatividade. Para tal, foram abordados aspectos da vida do idoso que pudessem fornecer indicadores dos dois conceitos expostos acima: a visão de si próprio como pessoa na velhice e perspectivas futuras. Foram entrevistados seis idosos (três mulheres e três homens), com mais de sessenta anos, todos negros, por meio de um questionário semiestruturado contendo várias categorias temáticas, utilizando os seguintes exemplos de perguntas: “O que é a velhice para a (o) senhor(a)?”; “Quais são os seus planos para o futuro?”. Os principais resultados indicaram que é impossível dissociar um polo arquetípico do outro, pois eles estão presentes em todos os aspectos da vida dos indivíduos. Conclui-se que a temática de envelhecimento é ampla e complexa, sendo necessários mais estudos que investiguem idosos de outros países ou estados e como se estabelece a dinâmica *Senex/Puer*, a fim de que se perceba a influência do ambiente sobre a constituição desses polos arquetípicos na vida do idoso.

Palavras-chave: Velhos. Velhice. *Senex*. *Puer*. Jung.

INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo, há um crescente aumento da população idosa como demonstram estudos demográficos e epidemiológicos. De acordo com estudos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2016), em 2050, a população de idosos deve ser multiplicada por três, passando a corresponder a quase 30% da

¹ Essa pesquisa foi realizada pelo primeiro autor, orientado pela segunda autora. Teve o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa da Bahia (FAPESB). Fez parte do projeto mais amplo de RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L.V.C.; FORNASIER, R.C., denominado *Envelhecimento e velhice: pessoa, família, trabalho/aposentadoria, sociedade*, realizado numa disciplina regular do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, em 2018.

² Graduando em Psicologia pela Universidade Católica de Salvador. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo a Pesquisa da Bahia (FAPESB). Email: paimmauricio0@gmail.com.

³ Psicóloga, Doutorado em Psicologia Social, Universidade de São Paulo (USP); professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Email: elaine.rabinovich@pro.ucs.br

população (BRASIL, 2016). Desta forma, essa população é a que mais cresce no mundo.

Esse fenômeno em ascensão implica em vários desafios a órgãos governamentais, e também a setores sociais, para que ambos saibam lidar, de uma maneira mais eficaz, com as demandas inerentes ao envelhecimento populacional (DIAS, 2013). Essas demandas podem ser sanadas, de forma qualitativa, através da elaboração de propostas de intervenção ou medidas que possam promover um envelhecimento ativo e bem-sucedido para esses idosos (DIAS, 2013; MELO, ARAÚJO, 2004).

No entanto, a maior parte dos estudos e pesquisas, ainda incipientes sobre esta geração em expansão, encontra-se restrito à área da saúde. Desta forma, esse estudo é de grande importância, pois uma análise dos relatos dos idosos, a partir de uma abordagem psicológica, sobre como estão vivenciando esse período de suas vidas, é de vital importância para aquisição de medidas sócio-educativas que visem melhorar a qualidade de vida nesta faixa etária à luz das transformações sofridas pela sociedade e pela família.

Essa é uma pesquisa qualitativa exploratória, realizada com seis idosos negros (com idade superior a 60 anos), a partir de um questionário semiestruturado com perguntas abertas.

O presente estudo teve como objetivo geral, compreender como idosos baianos estão vivenciando e narrando esta etapa de desenvolvimento à luz dos conceitos de senex e puer, conforme desenvolvido pelo pensamento junguiano.

Os objetivos específicos foram: analisar as concepções sobre velhice e envelhecer; compreender quais sentimentos apresentam em relação a si mesmos e conhecer o sentido da vida e as perspectivas futuras apresentados pelos idosos.

APORTES TEÓRICOS

Inicialmente, faz-se necessário expor uma diferenciação muito importante referente aos termos “idoso”, “velhice”, “terceira idade” e “envelhecimento. “Idoso” e “velho” referem-se a pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos. Por outro lado, velhice é um período do desenvolvimento humano, comum a todos os indivíduos. Por fim, o envelhecimento é atrelado às mudanças físicas, psicológicas e

sociais que o indivíduo passa ao entrar na velhice (NERI; FREIRE, 2000 citados por ARAUJO, 2004).

A velhice pode ser vista de uma maneira positiva ou negativa, a partir do viés histórico, cultural e temporal que o indivíduo está inserido. Corrobora o argumento o estudo de Araújo (2004) no qual o autor defende a diferença de concepção e valorização sobre a velhice entre a cultura oriental e a cultura ocidental. Por um lado, nas civilizações mais antigas, onde a conquista do território e a vitória na guerra eram valorizados, o público que possuía mais prestígio era o mais jovem pelo fato de serem mais fortes, hábeis e terem uma capacidade física maior do que os idosos.

Existe uma semelhança dessa concepção com a concepção do capitalismo, pois ambas defendem a valorização dos mais jovens em relação aos mais idosos. Neles difere que, no capitalismo, o jovem é visto como mão-de-obra e fonte de lucro pelo fato de ter uma maior capacidade de produzir em relação ao público velho, na maioria das vezes. Por isso, existe, geralmente, uma desvalorização do público velho nesse contexto.

Não obstante, nas civilizações orientais, a velhice é um período do desenvolvimento humano apreciado pela maior parte da população, pois esse período da vida permite ao indivíduo possuir experiência e conhecimento a serem transmitidos para os mais novos, por causa do tempo que o indivíduo já vivera (ARAUJO, 2004).

Neste sentido de valorização do velho por sua experiência, aprendizado e conhecimento, percebem-se similaridades com o Arquétipo do Velho Sábio defendido por Jung em suas obras. O Arquétipo do Velho Sábio, assim como os outros arquétipos, são “padrões virtuais” (BYINGTON, 1994, p. 6), presentes em todos os seres humanos, que são acessados a partir das situações vividas. Esse arquétipo está relacionado à sabedoria, experiência, conselhos, vivência e ao tempo. Desta forma, “o sábio é igualado à ideia do velho Messias” (REIS, 2002, p.13).

Conceitos como Senex/Puer, abordados na obra de Carl Gustav Jung (1982), podem se relacionar com o período da velhice, pois como esses conceitos são atemporais, de acordo com o autor, podem emergir também durante o

envelhecimento e na velhice, dependendo das vivências, as quais o idoso está passando, podendo conduzir, entre outros aspectos, à individuação.

Neste sentido, a polaridade senex é constituída principalmente pela imagem do velho sábio, mas pode ser representada pelo:

mago, médico, sacerdote, professor, catedrático, avô ou como qualquer outra pessoa que possuía autoridade [...] manifesta-se sempre em situações em que seriam necessárias intuição, compreensão, bom conselho, tomada de decisão e plano etc., que no entanto não podem ser produzidos pela própria pessoa (JUNG, 1961, p. 216 citado por SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA, 2018)

Por outro lado, Moreira (2015) caracteriza o puer da seguinte forma:

(...) o puer encarna a imaturidade, a fragilidade, a inseqüência, a debilidade, o desamparo, mas também a energia, a vibração crescente, a curiosidade, a inocência, dentre outras características atribuídas à juventude. (MOREIRA, 2015; p. 49).

Os Arquétipos são “padrões virtuais” (BYINGTON, 1994, p. 6), presentes em todos os seres humanos, que são acessados a partir das situações vividas. Assim, Senex e Puer são dois polos de um mesmo arquétipo junguiano (MOREIRA, 2015). Essas polaridades se relacionam ao conjunto de experiências humanas vividas ao longo da vida, ou seja, do período da infância até a velhice. Porém, essas polaridades arquetípicas não se referem exclusivamente às idades, mas, por outro lado, às experiências psíquicas.

Por um lado, a parte senex do arquétipo expressa a continuidade temporal, a tendência à repetição, à formação do hábito. Senex constitui o princípio vital de ordem, de limites e fronteiras. Por outro lado, a parte puer do arquétipo do velho-juvenil reflete um processo contínuo de mudança, que vai ao encontro de um eterno vir-a-ser, o eterno recomeçar, a transcendência do tempo cronológico (PEREIRA, 2009). Diferentemente do senex, o puer, não se coagula, pois é o próprio princípio da desintegração ou solutio (PEREIRA, 2009).

MÉTODO

Este estudo é uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo-descritivo que foi realizada na Região Metropolitana de Salvador/Bahia. Participaram do estudo 06 idosos da Região Metropolitana de Salvador, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino que se autodeclararam negros. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, com questões abertas que aborda os seguintes aspectos: dados de identificação; rotina; amizades; trabalho/aposentadoria; pessoa; sociedade; sentido de vida e perspectivas futuras. As gravações das entrevistas foram transcritas, integralmente. Foi feita a análise de conteúdo temático (MINAYO, 2014), evidenciando aspectos que mais apareciam nos relatos dos entrevistados e que podiam ser relacionados com os polos arquetípicos *senex/puer*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta sessão, serão apresentados os principais resultados obtidos por meio das narrativas dos seis idosos negros baianos aos quais foram atribuídos nomes fictícios - que são, em sua totalidade, aposentados. Ademais, todos idosos possuem ensino fundamental incompleto e são viúvos, exceto um solteiro. Os resultados foram analisados segundo categorias temáticas: a visão deles próprios sobre a velhice e o envelhecimento (aspecto pessoa) e o significado da vida e perspectivas futuras; e, em seguida, relacionados aos polos arquetípicos *senex/puer*.

VELHICE

Quando os idosos foram perguntados sobre “o que, para eles, é a velhice?” obtiveram-se as seguintes respostas: para Maria, “a velhice é uma coisa boa, mas quando vem com saúde. Só é ruim, quando vem com doença. O que me incomoda é a coluna, mas dá pra ir levando; e a pressão alta que eu controlo com o remédio. Está tudo bem por enquanto, está dando pra levar a saúde.” Leonardo apresenta uma visão positiva semelhante à Maria, pois entende a velhice como “um período da vida que a pessoa ganha experiência e que deve ser muito respeitada pelos outros”.

Por sua vez, dois idosos definem a velhice como algo natural e obrigatório a todas as pessoas, em algum momento das suas vidas. Para Sandro, “a velhice é

uma coisa que a pessoa tem que chegar mesmo. Todo mundo têm que chegar à velhice”. De forma semelhante, para Sandra a velhice é “uma coisa que eu aceito, por que nasceu, cresceu, ficou jovem e, a partir disso, a tendência é ir ficando mais velho”.

Por outro lado, é necessário enfatizar que dois entrevistados apresentaram visões negativas sobre a velhice. Para Roberto, “a velhice é a pior coisa do mundo”. Sua visão sobre a velhice é negativa porque compreende a velhice como um período em que os idosos perdem toda a sua autonomia e passam a ser dependentes dos seus familiares. De forma análoga, para Conceição, a velhice é definida da seguinte forma: “A velhice? Ave Maria... A velhice a gente fica cansado; sem vontade de sair; fica sem vontade de passear; o corpo fica todo doendo; cheio de artrose; cheio de reumatismo”. Neste sentido, no caso de Conceição, infere-se que a concepção de velhice está atrelada, para ela, ao aparecimento de doenças e, por conseguinte, da perda da vontade de praticar atividades que geraram prazer na fase adulta.

Desta forma, a concepção sobre a velhice, para os idosos entrevistados, perpassa por três aspectos: uma fase boa da vida; uma fase em que é comum e obrigatória a todas as pessoas e, por fim, como uma fase muito ruim da vida, pois aparecem muitos problemas de saúde e dependência dos outros.

Porém, mesmo com dois fatores negativos ligados à velhice, processo marcado por perdas e baixa valorização do idoso, em uma sociedade capitalista, pelo fato de que não são produtivos para o referido modelo político-econômico (ABOIM, 2014), todos os entrevistados, exceto Roberto e Conceição, apresentam uma concepção positiva da velhice. Neste sentido, os idosos entrevistados se esforçam para desenvolver os seus lados criativos na construção de coisas novas para suas vidas, o que representa outra característica do polo *puer*, que é o fato de apresentarem um processo contínuo de mudança.

Esses aspectos são semelhantes aos resultados obtidos no estudo de Freitas, Queiroz e Sousa (2010), no qual foram entrevistados 48 idosos (39 mulheres e 09 homens), da zona rural Maurati no Ceará. O objetivo do referido estudo foi analisar o significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos moradores da zona rural do Estado do Ceará, cadastrados no Programa Saúde da Família. Os

resultados indicaram que a concepção dos entrevistados sobre velhice é oscilante, pois, por um lado, ressaltam a velhice como um momento de dependência, perdas e aparecimento de doenças e por outro, veem a velhice como uma coisa boa, ou permissão de Deus. Neste sentido, os resultados desse estudo e do estudo de Freitas, Queiroz e Sousa (2010), denotam a concepção polarizada dos idosos sobre a velhice.

Ademais, é necessário enfatizar que cada um desses participantes interpreta e julga esse período do desenvolvimento humano (a velhice) a partir das suas concepções singulares e subjetivas.

ENVELHECIMENTO

A partir dos relatos da maior parcela dos entrevistados, o envelhecimento é visto como um processo relacionado à perda da autonomia que se tinha quando era adulto. Neste sentido, relatam que o envelhecimento os obriga a depender mais dos seus familiares, pois se sentem mais cansados e com pouca energia.

Ademais, outro aspecto que merece destaque é que o envelhecer também surge como algo que muda o estilo de vida dos idosos, pois esses devem começar a se privar de algumas coisas, para que tenham uma maior qualidade de vida (exemplo citado por Leonardo: “comer uma quantidade menor de comida e se exercitar mais”). Por fim, Sandro foi o único a relatar que não sabe definir o que é envelhecer, não deixando clara a sua concepção sobre esse processo.

A pergunta “o que é ser velho?” foi respondida pela maior parte dos entrevistados (Maria, Conceição, Sandra, Leonardo) como sendo algo que impede os entrevistados de fazerem as coisas que realizavam antigamente (na juventude ou adultez). Por sua vez, Sandro e Roberto relatam que ser velho é, apenas, ter “a idade avançada”, não tratando de nenhum aspecto negativo ou positivo de ser velho.

Desta forma, nos referidos aspectos, a perda de autonomia, cansaço e mudança nos hábitos aparecem como principais consequências relacionadas ao processo de envelhecimento, apresentando, desta forma, um viés predominantemente negativo sobre esse período do desenvolvimento humano.

. Esse é outro aspecto que pode se relacionar com o estudo já mencionado de Freitas, Queiroz e Sousa (2010), pois nos seus resultados os participantes afirmam que a velhice e o envelhecimento significam a interrupção de atividades que

exerciam satisfatoriamente e que gostariam de continuar executando, principalmente as relativas ao trabalho em que apontaram a velhice como veículo possibilitador de alterações da saúde que os impedem de realizar coisas que gostavam de fazer ou faziam com facilidade.

Neste sentido, no estudo de Freitas, Queiroz e Souza (2010) e no presente estudo, o processo de envelhecer foi acompanhado por experiências marcadas pelo luto, para o idoso, pois ocorrem perdas significativas em suas habilidades físicas, menor desempenho nas atividades realizadas e mudança nos hábitos que eles realizaram, costumeiramente, antes de entrar no processo de envelhecimento.

Outros estudos que podem se relacionar aos resultados obtidos neste estudo foram os de Ferreira et al. (2010) e o de Faller, Teston e Marcon (2015), os quais entrevistaram 100 idosos e 33 idosos, respectivamente, e chegaram aos mesmos resultados que indicaram que o envelhecimento era entendido como um processo caracterizado como limitante, no qual o idoso apresenta muitas doenças e se sente dependente dos familiares, em decorrência das perdas em todos ou na maior parte dos aspectos da sua vida.

A partir da similaridade com esses e outros estudos, nota-se que o presente estudo vai ao encontro dos resultados obtidos na literatura sobre velhice e envelhecimento.

SIGNIFICADO DA VIDA E PERSPECTIVAS FUTURAS

Os participantes relataram diferentes aspectos da sua vida que consideraram mais importantes. Para Maria, o mais importante na sua vida é a diversão e as festas em que ela ia. Já para Conceição o mais importante foi ser criada pela sua avó e também o seu casamento, “meu casamento eu adorei, adorei mesmo”. Para Sandra e Sandro, o mais importante nas suas vidas foi a religião e as idas à igreja. Por sua vez, Roberto diz que o mais importante na sua vida foi “terminar de criar os seus filhos” que, para ele, hoje são “homens honestos e trabalhadores”. Por fim, para Leonardo o mais importante foi a sua família e também o seu trabalho. Além disso, fala também das suas amigadas.

Atualmente, todos os idosos entrevistados, exceto Sandra, relataram que o mais importante na sua vida é a convivência com seus filhos e a presença das suas famílias nas suas vidas, destacando a importância que esses idosos dão, nesta fase

da vida, à companhia, à convivialidade e às relações harmoniosas com seus filhos e familiares. Por outro lado, Sandra diz que a coisa mais importante na sua vida é a religião, acrescentando que, se um dia deixasse de confiar em Deus, ela estaria perdida e seria muito complicado. Deste modo, dentro da perspectiva do significado da vida, novamente o vínculo familiar fica reafirmado.

Quanto a planos para o futuro, a metade dos entrevistados (Sandra, Sandro e Leonardo) relatou que não possuem plano nenhum para o futuro, pois preferem viver o presente por causa da incerteza do que pode ocorrer no futuro. Por sua vez, Maria deseja “que Deus me dê muitos anos de vida, pois eu gosto muito da vida”. Por sua vez, para Roberto, é cada dia mais descansar e curtir a “idosidade”. Por fim, para Conceição, os seus planos para o futuro é ver a formação de sua neta.

Especificamente quanto às expectativas, houve a relação dos relatos dos entrevistados com Deus e a espiritualidade. Além disso, notou-se também que três entrevistados esperam a permissão de Deus para que possam viver mais, a fim de que possam ver seus netos se formarem ou até mesmo as conquistas dos seus familiares. De maneira semelhante, o Roberto diz que espera da vida que Deus resolva até quando ele irá viver. Já para o Leonardo, ele espera “coisas melhores para todo mundo de bem”. Por fim, para Sandro, ele espera da vida, inicialmente, “a morte”; depois de um tempo muda o relato e diz que “pensa em recuperar a saúde dele”. Estes idosos indicam, pois, estar amadurecimento com o prosseguir dos anos, vivendo o que é possível a eles, tendo expectativas positivas quanto ao futuro e também uma compreensão aumentada em relação à morte, e experienciando a geratividade.

Em outro questionamento, “o que a vida espera do senhor?”, quatro entrevistados responderam que a vida não espera nada de ninguém e que eles é quem devem esperar da vida mais saúde para que possam viver mais. Por sua vez, para Conceição, “a vida só vai esperar eu morrer...” Por fim, Leonardo não sabe o que esperar da vida, por que isso vai depender do que ele fizer daqui para frente. Acrescenta dizendo que pretende fazer o bem, acima de tudo.

Por fim, no aspecto relacionado a significados e perspectivas de vida, os entrevistados recorrem à sua religiosidade para “olhar o seu futuro”, ou seja, “entregam o seu futuro a Deus”. Desta forma, quando são questionados sobre os

seus planos para o futuro, esses participantes “preferem viver com seus planos do presente”. Esse fato permite inferir que eles não relatam pensamentos de mudança para o futuro, isto é, preferem manter as coisas do jeito que estão. Essa é uma característica do polo *senex*, o qual, neste caso, sobrepõe-se ao polo *puer* (HILMANN, 1999; PEREIRA, 2009).

De um modo mais complexo, pode-se supor que, ao colocar suas vidas nas mãos de Deus, esta entrega representa o que esperam da vida e, no polo oposto, não percebem o que a vida espera ou deseja deles, exceto Leonardo que coloca a questão de fazer o bem ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de estudos sociodemográficos (PNAD, 2016), a população idosa é o segmento populacional que mais cresce em todo o mundo. Em consequência, aumentou o número de estudos sobre esses idosos em diversas áreas do conhecimento buscando as características do processo de envelhecimento e da velhice.

Nesta direção, estudos que tragam um olhar psicológico sobre os significados que os velhos atribuem à velhice e ao processo de envelhecimento são necessários, pois, ao “dar voz” aos velhos, esses podem expressar seus sentimentos, significados e perspectivas de vida. Assim, realizar um estudo qualitativo, a partir dos conceitos junguiano, *senex* e *puer*, no qual se reconheça as narrativas singulares dos velhos entrevistados, valoriza esses idosos e as suas vivências particulares e subjetivas.

Os arquétipos, descritos na vasta obra de Carl Gustav Jung, fazem parte de um processo que visa a integrar as polaridades do *Self* do indivíduo. A partir das análises dos resultados, inferiu-se que os participantes apresentam os dois polos *Senex* e *Puer* em diferentes aspectos de suas vidas. Deste modo, estudo corrobora a concepção de Hilmann (1999) de que não há como ter apenas uma das duas polaridades na constituição psíquica do sujeito.

No aspecto velhice, percebeu-se que, apesar desse período da vida ser marcado pelo aparecimento de doenças e perdas, os velhos entrevistados mostraram estar felizes consigo e com o seu momento de vida, excetuando-se

questões associadas à renda e à saúde, ambas causando perda da autonomia anteriormente vivida.

Este resultado discorda do obtido em outros estudos. Tal discordância pode se conectar a que os entrevistados vivenciam o lado *puer* de modo mais intenso do que os participantes de outros estudos, podendo indicar uma maior criatividade para contornar as adversidades que surgem na velhice. Deste modo, os idosos baianos encaram a velhice como um processo contínuo de mudança, estando, por conseguinte, menos resistentes e acessíveis a mudanças que aparecem neste momento de suas vidas.

A principal contribuição deste estudo foi mostrar a velhice não apenas como uma etapa do desenvolvimento humano formada por perdas, mas como um período no qual ocorrem processos significativos e importantes na vida do indivíduo, o que mostra que o desenvolvimento humano continua até a morte e deve ser entendido e analisado como um fenômeno amplo, complexo e formado pelas singularidades dos indivíduos.

Contudo, o envelhecimento é também, para os idosos entrevistados, um processo marcado igualmente pela perda da autonomia, aumento do cansaço após realizar atividades cotidianas e mudanças de hábitos que eram realizados quando adultos. Assim, no processo de envelhecimento os idosos se deparam com mudanças físicas, psicológicas e sociais.

Por fim, os idosos, quando perguntados sobre suas perspectivas futuras, preferem não construir planos, recorrendo a Deus. Assim, ao utilizar a espiritualidade/religiosidade como responsável pelo futuro, denotam sabedoria ao compreender que o futuro independe, na maior parte das vezes, da sua vontade ou desejos pessoais. A fé em um Ser absoluto pode ser um fator que possibilita aos idosos não se desesperarem com a constante mutabilidade e falta de controle que é associada ao futuro.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade Contemporânea. *Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 26, p.207-232, 2014.

ARAÚJO, L. F. Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. *Revista de Humanidades*, v. 06, p. 228-234, 2004.

BRASIL. Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. n. (36). p.1-146. 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acessado em 04/02/2019.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. A missão de seu Gabriel e o Arquétipo do chamado: Um Estudo da Psicologia Simbólica. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, São Paulo, p.1-29, 1994. Disponível em: http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/missao_de_seu_gabriel_e_o_arquetipo_do_chamado.pdf. Acesso em: 09 nov. 2018.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Velhice: vulnerabilidades e possibilidades. In: MOREIRA, L. V. C. (Org.). *Psicologia, família e direito: Interfaces e conexões*. Curitiba: Juruá. p. 259-274. 2013.

FALLER, Jossiana Wilke; TESTON, Elen Ferraz; MARCON, Sonia Silva. A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. *Revista Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, p.128-137, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00128.pdf. Acesso em: 05 dez. 2018.

FERNANDES, Ana Filipa Romão. A autopercepção do envelhecimento e o bem-estar psicológico. 2014. 66 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa/ Portugal, 2014. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15403/1/ulfpie046663_tm.pdf. Acesso em: 03 set. 2018.

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena et al . Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF (Impr.)*, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 357-364, Dec. 2010 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 fevereiro, 2019.

FREITAS, Maria Célia de; QUEIROZ, Terezinha Almeida; SOUSA, Jacy Aurélia Vieira de. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v.44, n.2, p.407-412, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000200024&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 Junho 2019

HILLMAN, J. *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do puer*. São Paulo: Paulus, 1999.

Jung, C. G. A natureza da psique. In: Jung, C. G. *Obras Completas*, v. 8/2. Petrópolis: Vozes, 1982.

MELO, Maria Aparecida; ARAUJO, Ceres Alves de. Velhice e Espiritualidade na Perspectiva da Psicologia Analítica. *Bol.Acad.Paulista de Psicologia*, São Paulo, v.1, p.118-141. 2013.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, A. D. Metamorfose da alma: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino. Tese (Doutorado): Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Publicado no TEDE (Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações". Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15419>>. Acesso em novembro 2018.

PEREIRA, Henrique de Carvalho. Da metamorfose dos deuses: capitalismo e arquétipo no século XXI. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 9, n.2, 2009.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD): *Síntese de indicadores*. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, IBGE. 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em 02 fevereiro de 2019.

RABINOVICH, E. P; MOREIRA, L.V.C.; FORNASIER, R.C. *Envelhecimento e velhice: pessoa, família, trabalho/aposentadoria, sociedade*. Universidade Católica do Salvador .v.1, p. 1-10. 2018. (projeto não publicado)

REIS, M. R. O corpo como expressão de arquétipos. *Revista Latino-americana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, n. 20, p.1-14. 2002